Capistrano e o Barão

JOSE' AURÉLIO CAMARA

O Ceará é incontestàvelmente o estado do Norte cuja história está mais investigada. Como seria bom se houvesse para Pernambuco um Guilherme Studart!" Essas palavras, entre outras, escrevia-as Capistrano em carta que, a 29 de dezembro de 1894, dirigia ao próprio Studart (1).

Não foi aquela, aliás, a única vez que a pena de Capistrano, tão avara em elogios, pena não raro acerada e rude — melhor talhada para autopsiar nulidades que para exaltar valores — se amacia em louvor do conterrâneo que, como êle, começava a galgar os degraus da fama.

Capistrano e Studart são os dois maiores nomes que o Ceará presenteou à historiografia nacional. Tinha o primeiro dois anos quando o segundo nasceu, e, nas comemorações centenárias de ambos, tão próximas portanto, sente-se a presença espiritual do berço comum, partilhando, orgulhoso dos parabens triunfais, e das homenagens cívicas que são devidas a tão ilustres filhos. Porque o Ceará é uma constante na vida e na obra destes dois grandes das letras históricas brasileiras. A influência ativa e fecunda da gleba natal, da terra mártir incubadora de sábios e de heróis, se traduz inteiramente na essência e na significação das suas magníficas realizações.

Capistrano, física e psíquicamente um cearense típico, era um pedaço do Ceará desgarrado no cosmopolitismo da metrópole. As influências telúricas do berço moldaram-lhe para

sempre a alma e o modo de vida. No Rio, viveu e morreu tão cearense como se jamais houvesse abandonado as terras de Columinjuba. Desconfiado, tímido mas franco até a rudeza, descrente dos homens e das coisas, errando em terra estranha sem lar e sem confôrto, era a imagem do emigrado que cumpria, heróica e dolorosamente, o fatalismo da raça.

Na época em que viveu no Rio, podemos citar pelo menos doze locais diferentes em que habitou, além de outros tantos sitios e fazendas próximas onde, por algum tempo, costumava permanecer. A rigor, seu verdadeiro lar eram os decímetros quadrados da rêde inseparável, a insubstituível rêde cearense que o acompanhava sempre.

Quem lê sua correspondência, surpreende-se com a insistência, quase o prazer, com que cita e repete expressões e provérbios do linguajar caboclo de sua terra, cuja procedência declarava com certo entusiasmo... Não era homem sôbre quem o luxo e o confôrto exercessem a mínima dominação. Foi sempre fiel aos hábitos modestos e restritos que adquirira na infância sertaneja. Em carta a João Lúcio de Azevedo, seu grande confidente dos últimos tempos, dizia em resposta a uma sua sugestão —; **"Nos fins da monarquia abriram entre Laranjeiras e Rio Comprido um tunel, até hoje abandonado e deserto. Quem sabe se não irei para lá? Uma esteira para descansar os lassos membros, duasa esteiras para tapar as extremidades, satisfarão minhas modestas ambições."** (2)

Infenso ao máximo a tôda sorte de manifestações e louvores, era um simples a quem a humildade não anulava, no entanto, a consciência do próprio valor. Incapaz de alardear talentos e glórias, reagia de pronto a quem tentasse refutar ou pôr em dúvida as graníticas afirmações que, no terreno das letras históricas, ia erguendo com mão de mestre. E era contundente e impiedoso no criticar nulidades presumidas ou no dissecar falsos valores.

Em 1880, em artigo da **Gazeta de Notícias** do Rio, comentando e desaprovando um livro de História do Professor Mattoso Maia, seu futuro examinador no famoso concurso do Co-

légio Pedro II, dizia, referindo-se àquele, que **"muito provàvelmente ainda nos havemos de encontrar frente a frente a reservamos para então o prazer um pouco malicioso de dar-lhe alguns quináus"**. Ainda não tinha 27 anos e, no concurso, três anos mais tarde, viria a cumprir o que então prometia.

Paciente e audaz, sincero e desprendido, inteligente e arguto, displicente consigo mesmo e desmazelado talvez, desconfiado e modesto, ríspido, teimoso e imprevidente, possuia aquela gama de qualidades e defeitos que dão a conformação e a medida do caráter cearense, a fisionomia da raça que êle mesmo julgava **"ter mais inteligência do que água"** (3).

Amava sem restrições a sua provincia com aquêle amor de exilado que a tivesse perdido para sempre; amou-a em silêncio. talvez intimamente orgulhoso de que no seu sangue e na sua atividade pulsassem febrilmente os anseios creadores da terra que teima em perpetuar-se no trabalho fecundo dos seus filhos. Sua veneração e dedicada ternura pelo berço distante, ia aos extremos de detestar todos cujas palavras ou atitudes redundassem para aquêle na menor injúria ou menosprêzo.

Em 1906, na época do seu apogeu intelectual, em carta a Guilherme Studart, diz com aspereza, ao referir-se a Nina Rodrigues, o grande Nina Rodrigues —: **"em geral não posso tolerá-lo depois que profanou o crâneo do Conselheiro, felizmente desagravado pelo incêndio, e afirmou que nosso patrício queria passar por novo Messias"**. (4) O que êle via em Antônio Conselheiro era antes de tudo o cearense, **o patrício,** cujo sangue tinha afinidades com o seu pela fôrça associativa da terra comum...

Foi Capistrano notavel exemplo de homem que intensamente carregou em si a herança telúrica da terra mater, traduzindo na sua vida e na complexa personalidade os atributos caracterizadores da raça de que foi altíssima expressão.

Aquelas influências profundas e ativas, aquelas fôrças atuantes que modelaram o cearensismo de Capistrano, deixaram imune a personalidade de Guilherme Studart. Não lhe impri-

miram no sangue o sinete inconfundivel que às vezes evoca para sempre no homem o ambiente geo-social de onde procede. Era êle um cearense europeizado pelo meio sangue inglês, pela constante presença espiritual e às vêzes física da Europa ancestral, pelos hábitos da vida aburguesada e tranquila. Era física e socialmente a antítese de Capistrano. Para um e outro a vida desenvolveu-se com fisionomia própria inconfundível. Não era de admirar, pois, que, referindo-se a Studart, Capistrano, enaltecendo-o embora, dissesse notar no amigo **"qualquer coisa que não ia com sua natureza"** (5)

Mas o fato de não portar em si qualidades que o caracterizassem como expressão do seu meio, foi compensado por Studart de maneira verdadeiramente notável. Como que para purgar-se do grave pecado de não carregar no sangue e nos nervos as trágicas peculiaridades da terra do sol, êle fêz do Ceará e da sua gente o objeto constante e eterno das suas preocupações. Para o Ceará voltou-se a sua inteligência e o seu labor intelectual e, numa atitude de sublime transcendência, foi buscar nas letras as hemoglobinas indígenas que lhe faltavam no sangue. O Ceará, de que Capistrano fôra uma **expressão**, veiu a ser para Studart uma **realização**. O que Capistrano trazia no sangue, trazia-o êle na pena e, pelo milagre da sua obra ciclópica, tornou-se um cearense dos maiores desta Terra da Luz.

Os velhos e centenários arquivos do Brasil e da Europa, êle os percorreu e consultou com paciência beneditina, coligindo dados, anotando fatos, decifrando alfarrábios. Muniu-se assim de um documentário que era dos mais sérios que possuia qualquer historiador brasileiro do seu tempo. E os fatos do Ceará foram se concatenando, e os documentos do Ceará começaram a vir a lume, e a História do Ceará foi pouco a pouco se plasmando. O Ceará renascia e adquiria cidadania historica através dos seus trabalhos, de tal sorte que hoje, tomados com justiça como marco de referência, pode-se honestamente dizer —: a História do Ceará antes e depois do Barão de Studart!

Estas considerações expendidas acerca de Capistrano de Abreu e do Barão de Studart, levam-nos à imediata conclusão de que o Ceará é, sem dúvida, o primeiro elemento comum que se destaca no estudo dos dois historiadores. Se para entendê-los e interpretá-los fôr mister reduzí-los a um denominador comum de referência, êste denominador comum é o Ceará, expressivo e real na personalidade de Capistrano, palpitante de vida na obra do Barão de Studart. O Ceará os interpreta e explica; sem êle é impossivel compreendê-los.

O segundo traço comum que os liga é o mesmo devotado amor à História Pátria, a qual muitíssimo lhes deve.

O berço comum e o amor comum aos fatos históricos nacionais vêm a ser talvez os únicos pontos de contacto, as únicas analogias nas naturezas tão díspares e dissemelhantes de Capistrano e Studart. Disparidade e dissemelhança que não impediram o trabalho paralelo e fecundo, às vêzes comum, que ambos realizaram no domínio das investigações históricas brasileiras.

De temperamentos tão pouco semelhantes só podiam resultar comportamentos diferentes, atitudes diversas em face do fenômeno social. Cada um encarou a vida sob o prisma que lhe oferecia a natureza íntima de que era possuidor. E esta atitude, como veremos a seguir, estendeu-se ao modo como encararam os fatos histórico-sociais, cada um portando-se em relação a êles com um procedimento caracteristico.

Capistrano foi a personificação fiel do emigrado no meio social a que se incorporou. Mesmo quando uma aparente alegria animava-lhe a face, a alma vergava ao pêso daquela **austera, apagada e vil tristeza** que êle próprio considerará um dia como atributo psicológico da raça. Casado, a presença da espôsa viera trazer à sua vida errante a estabilidade que o lar convencionalmente impõe ao homem normal. Seus primeiros tempos de casado constituiram o periodo melhor e mais feliz da vida, conforme êle mesmo deixa perceber em carta a amigos. Logo morre a espôsa e se dispersam os filhos. A ida de uma filha para o convento e a morte do filho dileto, acabam

por arruinar-lhe completamente a vida. E penetra, então, definitivamente na estrada de cardos e espinhos que o conduziria afinal às portas do túmulo. Vive fases de pessimismo atroz e sofrimentos inenarráveis. Quase cego, pobre, ameaçado de surdez, habitando o porão modestíssimo de uma casa de aluguel, sem lar e sem família, assim morreu uma das maiores figuras da historiografia brasileira.

Da sua correspondência depreende-se que teve amigos e em bom número, mas a verdade é que sua natureza hirsuta não era das mais propícias a fomentar amizades, das quais muitas se diluiam quando saiam do âmbito epistolar para o terreno da realidade. Estimava com verdadeira afeição alguns amigos, os quais, nem sempre, lhe eram por igual afeiçoados.

Não era homem que primasse pela ordem e o arranjo em tudo que lhe dissesse respeito; ao contrário, nenhum intelectual brasileiro deixou anedotário igual no que se refere ao desmazêlo na apresentação e no trajar.

Enquanto se satisfazia com o mínimo no dominio das conquistas materiais, era um eterno insatisfeito no que dizia respeito ao próprio trabalho realizado. Como todo espírito criador, seguia a sua trajetória descontente da própria criação, atormentado talvez por aquela tortura da perfeição que é a marca ineludível dos homens superiores. Torturava-o aquela sublime inquietação que Dostoiewski localizava em todo **coração elevado que se atormenta.**

O reverso da medalha é a vida tranquila, despreocupada e estável do Barão de Studart, que o próprio ambiente provinciano favorecia e estimulava.

Fixando-se na terra natal, sua vida não sofreu solução de continuidade nem os tropeços que tão intensamente marcaram a vida de Capistrano. Formado em medicina, aluno distintíssimo, retorna ao Ceará, aqui se estabelece no exercicio normal da profissão, aqui vive e envelhece, **como as árvores fortes envelhecem,** estimado e feliz, **dando sombra e confôrto aos que padecem.** Tem um lar estável, cercam-no os filhos e os amigos, humaniza a sua ciência e o seu saber em socieda-

des filantrópicas e culturais, das quais é sempre a admirável figura central. Enquanto Capistrano "**é avêsso a qualquer sociedade por já achar demais a humana**" (6), Studart foi um fundador de instituições, um semeador de academias, um homem cuja sisudez encobria um espírito eminentemente associativo.

Gozando de relativa independência econômica, não o molestavam problemas desta ordem, mas, ao contrário, dispunha até do suficiente para visitas ao continente europeu, onde, nos arquivos e bibliotecas, saciava sua fonte de pesquisador inveterado.

Detentor de um título nobiliárquico, usava-o com o justo orgulho de quem bem o merecera e não recusava o lugar de destaque que várias associações lhe outorgavam. Metódico, previdente, organizado, vestindo com apuro e fidalguia, usando nas palavras e nos gestos um rígido toque de sobriedade britânica, era com fleumática indiferença que veria desfilar à sua frente a dramática e imemorial caravana dos acontecimentos históricos.

A atitude que assumiu perante o fato histórico teria de ser, portanto, bem diversa do comportamento de Capistrano, fadado a sentir, por fôrça de um determinismo sócio-biológico, toda a intensidade do drama social e econômico do povo brasileiro nos seus séculos de lutas e tragédias.

Studart aceitava o fato consumado, a realidade incolor, sem toldá-la com preocupações e sentimentalismos. Coligiu documentos e dados, publicando-os como atestados de um acontecimento ou de uma época. Não o preocupava o drama subterrâneo que se desenrolara atulhado de efeitos e consequências, e, sem tomar partido ou almejar resultados, não sentia ferirem-lhe a sensibilidade os trágicos desfechos ou os suspirados triunfos. O fato acontecera, eis tudo. Assumia assim perante a História o comportamento spengleriano segundo o qual

As Nornas tecem
Sob o jugo do mundo;
Nada podem evitar nem alterar. (7)

Capistrano sentia a História, não a observava apenas. Colhia o fato mas também a emoção e a imaginação criadora, descendo à infraestrutura sentimental e à argamassa de sangue e nervo sobre que assenta tôda a epopéia humana. Sua natureza impelia-o a ser uma **dramatis persona,** nunca um espectador indiferente. Êle sente com o povo "durante três séculos sangrado e ressangrado", rejubila-se com suas vitórias e sofre com seus martírios. Sua sensibilidade aguda vai buscar na textura dos fatos o sentido oculto, invisivel à superfície, que aos olhos passaria despercebido mas nunca ao sentimento. **"Como um verdadeiro historiador Capistrano era sensivel ao espírito do fato. A História não é somente uma questão de fato; ela exige imaginação que penetre o motivo da ação, que sinta a emoção já sentida, que viva o orgulho ou a humilhação já provados. Ser desapaixonado é perder alguma verdade vital do fato; é impedir-se de reviver a emoção e o pensamento dos que lutaram, trabalharam e pensaram" (8).**

O sentido e amplitude da obra que cada um, a seu modo, realizou com amor e idealismo, levam a marca inequívoca deste modo de sentir e observar os fatos.

A concepção estática de Studart, a consideração **do que é** e não **do que devia ser,** a aceitação do fato em si, permitia-lhe compartimentar a trama dos acontecimentos, aplicar-lhes um mais rigoroso critério seletivo, fazer a escolha e nela fixar-se. Daí surgiu o Ceará, eleito pela preferência afetiva, e a êle dedicou seu esfôrço perseverante de pesquisador incomparável.

Capistrano, pela própria concepção orgânica dos fatos, nunca desprezando as ligações, as zonas de influência e de contacto, os laços comuns, os reflexos e contágios, a presença do elemento humano portador de idéias e sensações, abarcou a História do Brasil com olhos totalizadores. Olhou o Brasil como um tôdo no tempo e no espaço e deu à sua obra um sen-

tido ecumênico e universal.

Quando analisamos temperamentos tão opostos quanto os de Capistrano e Studart, naturezas tão díspares, atitudes tão diversas em face da História e em face da Vida, achamos estranho que dois homens assim tenham mantido por mais de sessenta anos uma amizade que foi sincera e ininterrupta. Neste país de camaradagens faceis e amizades dificeis, como argutamente observa Gilberto Freyre, deixaram ambos provas robustas de uma amizade que se cimentou na base da recíproca admiração.

São numerosas as referências que, na sua vasta correspondência, Capistrano fazia ao amigo de infância e de ideal. Nas cartas ao próprio Studart nunca lhe regateou louvores. **"E's realmente incansavel, e feliz a hora em que, tendo de escolher um futuro, decidiste votar todo teu esforço à "Terra de Santa Cruz pouco sabida". Teu primeiro esforço não encontrou acolhimento merecido, e isto deu-te uma certa atitude, como direi? defensiva, ou antes, agressiva. Agora és um mestre reconhecido e acatado; podemos portanto conversar calmamente sôbre o assunto"** (9).

Em outra carta dizia entusiasticamente —: **"Podes te gabar que ainda ninguem fez tanto como tu para esclarecer aquêle periodo ignorado de 1600 a 1630. Nas anotações de Varnaghen tenho de citar-te a cada passo" (10).**

E' de maior importância para o estudioso da nossa História a correspondência de Capistrano a Studart. São cartas onde as investigações e considerações de carater histórico dão o tema principal, constituem o assunto predominante.

Algumas vêzes Capistrano insinua polidamente ao amigo métodos e processos na ordenação e apresentação das suas obras. Lembra-lhe a importância das citações e das notas referentes à procedência e fontes consultadas e à origem de documentos transcritos. Numa das cartas, o desleixado e rude Capistrano, após uma série de sugestões ao organizado e metódico Studart, chega a dizer-lhe—: **"E lembra-te que és filho de inglês!"** (11) Por igual interessa-o a saúde do amigo,

embora julgando que **"tuas queixas são antes manhas"** (12) Numa carta diz —: **"Teus olhos são necessários ao Ceará; não os descures"** (13). Êle que não era médico, recomenda ao médico cura de repouso e estação d'agua em Pocinhos do Rio Verde, incomparável **"para estômago, fígado e bílis"** (14).

Por sua vez Studart não oculta sua admiração e reconhecimento aos grandes méritos do amigo, debuxando, em linhas como estas, traços interessantes da personalidade capistraneana —:

> **Silvio Romero não se arreceia de qualificar Capistrano" o maior erudito em assuntos brasileiros que até hoje tem existido, sobrepujando assaz Varnhagem, João Lisboa, Joaquim Caetano, Silva Paranhos e Candido Mendes, os melhores sabedores das nossas cousas".**
>
> **Tal preito à brilhante erudição de Capistrano ninguem lh'o contesta, todos subscreverão o juizo do ilustre autor da História da Literatura Brasileira, mas êle parece que de tal nem sabe, descuidado de tudo que lhe diz respeito, balda que desde a infância o acompanha; os cientistas os homens de letras cortejam-lhe a opinião, ouvem-lhe os pareceres, em torno do seu nome fez-se uma auróola de notabilidade, mas êle próprio parece ignorar a que grau e com que direito poderia impôr-se graças ao rico e valioso cabedal de inteligência com que dotou a natureza e que o estudo não cessa de acrescer e aperfeiçoar.**
>
> **Aí está em poucas palavras sua característica (15)**

Aquela amizade e recíproca admiração que tão valentemente resistia à ação do tempo, não impedia, entretanto, que algumas vêzes Capistrano se queixasse em surdina de certas esquisitices do amigo.

Studart, possuidor de uma preciosa coleção de documento do maior valor histórico e estimativo, guardava seus papeis com o zêlo de enamorado, que era, da sua famosa coleção. Não os cedia, não os vendia, não os trocava, só dificilmente os em-

prestava. Capistrano ralava-se com aquela espécie de egoismo que lhe repugnava. Em repetidas cartas pedia documentos que sabia existirem no arquivo de Studart. Era um esperar inútil: os papeis não vinham do Ceará, o ciumento Barão não os remetia. A leitura das cartas de Capistrano nos permite verificar que cerca de dez vêzes ou mais pediu ao amigo certos documentos referentes a concessões de sesmarias no Rio Grande do Norte. Era em vão, os documentos não seguiam. Outras vezes eram documentos que Capistrano ignorava existirem, os quais possuia Studart sem nada dizer-lhe. Parecia, talvez, ao espirito de colecionador organizado e prudente do Barão, que os desmazelos de Capistrano fossem o possivel fim da sua documentação tão preciosa. E não os mandava senão excepcionalmente. Disto se queixava Capistrano a amigos, inclusive Affonso Taunay e João Lucio de Azevedo. Ao último dizia em carta —: "**Meu velho Studart é singular. Parece que adquiri, não direi direito — algo menos pretensioso — identificando Antonil e Andreoni. Studart possui cartas deste há mais de 20 anos. Nelas nunca me falou. Só fiquei sabendo que existiam por um número, ou antes pelas provas de uma de suas revistas**" (16).

Mas em ambos as agigantadas qualidades comportavam e neutralizavam os milimétricos defeitos, e, com suas peculiaridades nem sempre compreendidas, fôram sem favor as duas maiores figuras da historiografia brasileira nascidas em terras cearenses.

---

(1) As cartas aqui citadas constam da Correspondência de **Capistrano de Abreu**, edição recente do Instituto Nacional do Livro, organizada por José Honório Rodrigues. Apenas duas dentre elas, recentemente encontradas em meio à documentação deixada pelo Barão de Studart, ainda permaneciam inéditas e aparecem transcritas adiante.

(2) Carta a João Lúcio de Azevedo, de 4 de Julho de 1923.

(3) Carta João Lúcio de Azevedo, de 14 de Setembro de 1916. José de Alencar já dissera certa vez, referindo-se à terra do berço, "que Deus a fez

ainda mais rica de inteligência que de ouro".

(4) Carta a Guilherme Studart, de 26 de Abril de 1906.

(5) Em carta a João Lúcio de Azevedo, de 9 de Julho de 1920, escrevia Capistrano —: "Chegou ante-ontem o Studart que espero ver hoje. Vem descansar e bem merece: é um trabalhador como poucos. A história do Ceará deve-lhe muito: alem disso é médico da Santa Casa, presidente das Conferências de São Vicente de Paulo, vice-cônsul da Inglaterra. Conhecemo-nos desde 63, quando ,cursavamos juntos as primeiras letras no Atheneu Cearense. Sempre nos demos bem, mas noto-lhe qualquer coisa que não vae com minha natureza."

(6) Notas autobiográficas remetidas por Capistrano ao Barão de Studart com carta de 18 de Agôsto de 1901. A João Lúcio de Azevedo escrevia a 2 de Julho de 1917: "Fui inscrito na Academia Humana independente de consulta e já acho excessivo. Os fundadores da Academia de Letras daqui eram quase todos meus amigos, instaram comigo para que lhes fizesse companhia. Resisti e cada vez estou mais certo de que andei com juizo".

(7) Richard Wagner — **Siegfried**

(8) José Honório Rodrigues — Prólogo explicativo à 4a. edição dos "Capítulos da História Colonial" — Livraria Briguiet — 1954.

(9) Carta a Guilherme Studart, de 20 de Abril de 1904.

(10) Idem, de 28 de Novembro de 1906.

(11) Idem, de 20 de Abril de 1904.

(12) Carta inédita, adiante transcrita.

(13) Carta a Guilherme Studart, de 13 de Novembro de 1906.

(14) Recentemente foram encontradas, em meio aos documentos deixados pelo Barão de Studart, duas cartas de Capistrano até agora inéditas. Vão abaixo transcritas —:

Guilherme amigo. Escrevi de Caldas, donde cheguei ante-hontem. Encontrei as primeiras páginas do 4º volume dos Documentos e muito te agradeço. Já os percorri ligeiramente e vi sua importância, que naturalmente irá crescendo. Separei o 10º vol. da Acad.; como tenho o 1º volume da correspondência de Souza Coutinho, vou esta semana ocupar-me do período da guerra hollandeza decorrente da partida de Maurício de Nassau á irrupção da liberdade divina.

Este ano será perdido para a história patria.

Preciso de liquidar minha velha conta com os Bacaerys, aberta ha

quasi trinta anos. Adiantei bastante o serviço durante a estação de Caldas; na próxima semana conto entregar para a impressão os quatro primeiros capítulos à Bib. Nac. que imprimirá obra, 500, 600, quem sabe si 800 páginas, mais variada que a dos Caxinauás. No resto espero ir sem tropeços quanto mais depressa extinguir a divida melhor.

Estou á espera de um bacaery do Paranatinga promettido pelo Rondon, que está a chegar. Com elle irei para a fazenda do Moura Brasil, e, durante trez mezes não farei outra coisa. Para a tradução dos textos será útil, mas felizmente não imprescindivel; conto aplica-lo sobretudo a questão da grammatica, em que se portam como Mr. Jourdain a respeito da prosa.

Para concluir vou dar-te uma noticia muito agradavel. Si poderes tolerar altitudes de 1200 metros estás curado do estomago. Basta que faças uma estação nos Pocinhos do rio Verde, não thermais, ligeiramente sulfurosas, com grande porcentagem de radio. Para estômago, figado e bilis é incomparavel.

Assim vê o que precisas estar no Ceará para fazer: reune o material que poderes utilizar aqui; em Março de 22 toma o vapor. Ficarás nas alturas em Abril e Maio; em Junho quando começar o Congresso estarás fulgurando aqui. Bien a toi. Cap. Rio 6a. fa. 9 de Maio 921.

Guilherme amigo. Acordo, leio o telegrama da morte de Antonio Bezerra e envolveu-me uma lufada quente de passado.

Lembras-te do Atheneu das calçadas altas? Contiguo moravam alguns filhos do Dr. Soares e o velho grammatico, residente em Jacarecanga, ali fazia ponto quando vinha á cidade.

O Francisco não cançava de falar no irmãi Antonio que viera para o Sul aos cuidados do tio Adolpho (este conheci mal no occaso; no Ceará ainda contavam... (ilegivel).

Exaltava-o sobretudo como poeta o irmão.

Meu encontro com Antonio creio que foi na era de 80, e cujas ausencias nunca permitiram contactos prolongados. Antes de tratarmos pessoalmente já conhecia uns artigos escritos de diversos pontos do estado, então provincia, em que achei coisas deliciosas. Não lhe sorriu a sorte, poderia ter feito mais do que deixou. Sobre alguns pontos da historia do Ceará conversamos algumas vezes e aprendi muita coisa que me foi util. Da primeira geração de historiadores do Ceará, anteriores ao colera, resta hoje inutilizado o velho João Brigido, sem escola, sem methodo, muitas vezes mal ou não documentado, mas superior em intuição ao Theberge, Pompeu e Araripe. São epígonos Paulino e Catunda que não tomou o caso a serio. Da segunda geração, si a datarmos de 80, ninguem pode disputar teu lugar. Há quarenta annos não descansas e sempre tens conseguido que não te deixem inteiramente só. O que tens feito é enorme, ainda poderás fazer muito, porque tuas queixas são antes manhas; mas aonde ha prenuncios da terceira geração?

O Brasil é a terra das descontinuidades!...

Vi no Inst. a separata do teu quarto volume de Documentos. Não a recebi; não a reclamo; espero que alguem do Ceará o remeta: já a encommendei a um amigo, para evitar a decepção.

Pretendo sair do Rio em fins de Outubro para São Paulo e Rio Grande. Os processos da Inquisição pretendo por na rua em Setembro. Com o livro de Tuberville **Heresy and Inquisition**, com a monographia

do Barão, impresa no Arch. Hist. Port. poderei ser breve e substancial no prologo. A B. Nac. possui, em que deploravel estado! o Collectorio; o Corpo Diplomatico Portuguez existe nella e no Instituto: estou portanto munido e municiado.

Os escritos de Anchieta, que o governo de S. Piulo prometteu publicar, estão em preparação. Os jesuitas se interessam pela publicação e pediram para a Europa photographias dos autographos que porventura existam nos seus archivos.

Para distrahir-me estudo as fontes de Simão de Vasconcellos na Chronica da Companhia. A chronologia entre o desembarque de Thomé de Souza e a morte de Navarro é vacillante, felizmente alguns pontos já apurados vão auxiliando o equilíbrio.

Os originaes bacaerys vou começar a entregar á Bib. Nac. na proxima semana. A obra irá mui vagarosamente porque os operarios são poucos — 2 apenas! — e malandros. Dar-me-ei por feliz si alcançar a certa de alforria dentro de um anno.

Para o anno virás. Dispõe as cousas de modo a poderes vir para os Pocinhos do rio Verde em Março ou Abril. Neste tempo já estarei de volta do Rio Grande e poderei fazer-te companhia. Vale et me ama! Bien a toi. Cap. Rio 31 de Agosto de 1921.

(Na transcrição das cartas foi mantida rigorosamente a ortografia original)

(15) Artigo no "Almanach do Ceará" — 1906.

(16) Carta a João Lúcio de Azevedo, de 18 de Outubro de 1922.